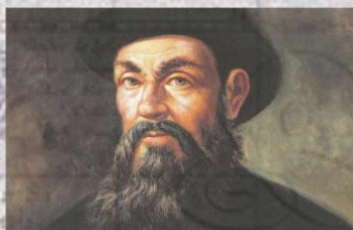


Academia de Marinha

Magalhães e Elcano

e a Exploração das “Pacíficas às Índicas águas”

**Magellan and Elcano: The Exploration of “the Pacific
and Indian Waters”**



II Simpósio de História do Oriente

II Symposium of History of the Orient

23, 24 e 25 de Novembro de 2021

23,24 and 25 November 2021



CENTRO
HISTÓRIA
UAB



PATROCÍNIO



PARCERIAS



FICHA TÉCNICA

Título: *II Simpósio de História do Oriente – Programa e resumos*

Edição: *Academia de Marinha, Lisboa*

Coordenação: *Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar*

Organização: *Afonso Ferreira Cardoso, Herlander Valente Zambujo,
José Manuel Maia*

Data: *Novembro 2021*

ISBN: **978-972-781-166-3**

COMISSÃO ORGANIZADORA | ORGANIZING COMMITTEE

PRESIDENTE | PRESIDENT

Francisco Vidal Abreu

SECRETÁRIO | SECRETARY

Herlander Valente Zambujo

VOGAIS | MEMBERS

Afonso Ferreira Cardoso

Ana Paula Avelar

José Manuel Maia

Luís Couto Soares

Vítor Gaspar Rodrigues

COMISSÃO CIENTÍFICA | SCIENTIFIC COMMITTEE

PRESIDENTES | PRESIDENTS

Vitor Gaspar Rodrigues

Juan Marchena Fernandez

SECRETÁRIO | SECRETARY

Herlander Valente Zambujo

VOGAIS | MEMBERS

Ana Paula Avelar

António Costa Canas

João Telles e Cunha

Jorge Semedo de Matos

Jose Manuel Nuñez de la Fuente

Juan Manuel Santana

Judite Mendonça do Nascimento

PROGRAMA | PROGRAM

23 DE NOVEMBRO

10:00 Receção aos participantes e entrega de documentação | Reception

10:30 **SESSÃO DE ABERTURA | OPENING SESSION**

Presidência pelo Vice-chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-almirante Jorge Novo Palma

Palavras de abertura | Opening remarks

Almirante Francisco Vidal Abreu, Presidente da Academia de Marinha

Dr. José Marques, Presidente da Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Circum-Navegação comandada pelo navegador português Fernão de Magalhães (2019-2022)

10:50 Apresentação do livro *XVI Simpósio de História Marítima* | Book release ceremony

11:00 **Conferência de Abertura | Opening conference**

“Navios Europeus dos Séculos XV e XVI”

Filipe Vieira de Castro

11:30 Intervalo | Coffee break

1.ª SESSÃO | 1st SESSION

Dos Oceanos, da fauna e da flora | The oceans, fauna and flora

1ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Luiz Roque Martins

11:45 – 12:05 *“O descobrimento do Oriente pelos portugueses no tempo de Fernão de Magalhães”*

José Manuel Garcia

12:05 – 12:25 *“The Italian Pacific and Indian Oceans: Pigafetta and his Audience in the Construction of the Pacific and Indian Oceanic Spaces”*

David Salomoni

12:25 – 12:45 Debate | Discussion

12:45 – 14:00 Almoço | Lunch

2.^a SESSÃO | 2nd SESSION

Da náutica, cartografia e arte de navegar | The nautical, cartography and art of navigation

2.^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: João Abel da Fonseca

14:30 – 14:50 “*Método das distâncias lunares – comparação das propostas de Werner e Faleiro*”

Carlota Simões | António Costa Canas

14:50 – 15:10 “*O ano de 1521: a navegação entre Cebu e Tidore*”

Adelino Rodrigues da Costa

15:10 – 15:30 “*Uma consequência indirecta da circum-navegação de Magalhães-Elcano? Linschoten e os roteiros ibéricos Pacífico-Índico (1583-1596)*”

Nuno Vila-Santa

15:30 – 16:00 Debate | Discussion

16:00 – 16:30 Intervalo | Coffee break

3.^a SESSÃO | 3rd SESSION

Dos agentes e da sua ação | The agents and their actions

3.^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Ana Paula Avelar

16:30 – 16:50 “*La amistad de Carlos I, Rey de Castilla, con Tuan Maamud, señor de Polán*”

Susana García Ramírez

16:50 – 17:10 “*Influências europeias e asiáticas na artilharia portuguesa dos séculos XV e XVI*”

Fernando Pedrosa

17:10 – 17:30 “*«Dão-lhe o nome de Mar Pacífico os marítimos hespanhoes». Vida e Viagens de Fernão de Magalhães por Diego de Barros Arana. 1864*”

João Abel da Fonseca

17:30 – 18:00 Debate | Discussion

18:00 **Final dos trabalhos | End of Session**

24 DE NOVEMBRO

4.^a SESSÃO | 4th SESSION

Do encontro de culturas / The encounter of cultures

4^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Vitor Rodrigues

10:00 – 10:20 “*Sobre uma representação idealizada de Fernão de Magalhães: a gravura de Johannes van der Straeten à luz do seus significados iconológicos*”

Vitor Serrão

10:20 – 10:40 “*Da escrita sobre as Ilhas Molucas como espaço de disputa e ou partilha na historiografia portuguesa do séc. XVI*”

Ana Paula Avelar

10:40 – 11:00 “*No esteio de Magalhães. Um relato português da viagem de Legazpi (1564-1565)*”

João Teles e Cunha

11:00 – 11:25 Debate | Discussion

11:25 – 11:35 Intervalo | Coffee break

5.^a SESSÃO | 5th SESSION

Dos Oceanos, da fauna e da flora / The oceans, fauna and flora

5^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Vitor Serrão

11:35 – 11:55 “*Aspectos antropológicos y biológicos de la Primera Vuelta al Mundo*”

Marta Bustamante

11:55 – 12:15 “*A expedição de Fernão de Magalhães e Elcano e a busca europeia de especiarias*”

Marília dos Santos Lopes

12:15 – 12:30 Debate | Discussion

12:30 – 14:00 Almoço | Lunch

6.^a SESSÃO (ZOOM) | 6th SESSION

Do encontro de culturas / The encounter of cultures

6ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Filipe Vieira de Castro

14:00 – 14:20 “*Food and Diplomacy in the Philippines During the Magellan-Elcano Expedition*”

Felice Santa Maria (Philippines local time 21:10 - 21:20)

14:20 – 14:40 “*History and Mythology in the Magellan Expedition’s First Landfall in Asia*”

George Borrinaga (Philippines local time 21:20 - 21:40)

14:40 – 15:00 “*Salvados por los cocos: El descubrimiento, la aceptación y los beneficios de los alimentos asiáticos en el contexto de la expedición de Magallanes-Elcano. 1521-1527*”

António Sanchas de Mora (Spain local time 15:40 - 16:00)

15:00 – 15:30 Debate | Discussion **(Philippines local time: 22:00 - 22:30)**

(Spain local time: 16:00 - 16:30)

15:30 – 16:00 Intervalo | Coffee break

7ª SESSÃO (ZOOM) | 7th SESSION

Da náutica, cartografia e arte de navegar | The nautical, cartography and art of navigation

Dos agentes e da sua ação | The agents and their actions

7ª Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Juan Marchena

16:00 – 16:20 “*El viaje exploratorio de Magallanes: simplicidades y complejidades culturales*”

José Manuel Nunez La Fuente (Spain local time 17:00 - 17:20)

16:20 – 16:40 “*La Sanlúcar de Barrameda que conoció Magallanes en las páginas de Antonio Pigafetta*”

Manuel Parodi Alvarez (Spain local time 17:20 - 17:40)

16:40 – 17:00 “*La Expedición Magallanes-Elcano en la Patagonia: Sus actividades en Puerto San Julian – Provincia de Santa Cruz – República Argentina*”

Roberto Fernandez | Osvaldo Canosa (Argentina local time 12:40 - 13:00)

17:00 – 17:20 “*De Fernando de Magallanes a Sebastián Elcano. Circunstancias del cambio de mando*”

Juan Antonio Varese (Uruguay local time 13:00 - 13:20)

17:20 – 18:00 Debate | Discussion **(Argentina|Uruguay local time 13:20 - 14:00)**

(Spain local time: 18:20 - 19:00)

18:00 **Final dos trabalhos | End of Session**

25 DE NOVEMBRO

8.^a SESSÃO | 8th SESSION

Da náutica, cartografia e arte de navegar / The nautical, cartography and art of navigation

8^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Paulo da Silva Santos

10:00 – 10:20 “*Las derrotas de la expedición Magallanes-Elcano*”

José Ramon Vallespin

10:20 – 10:40 “*La transformación de mar en océano en los primeros mapas del Pacífico (1519-1529)*”

José Maria Moreno Martin

10:40 – 11:00 “*«Mar del Sur» e Oceano Pacífico: duas realidades náuticas depois de Magalhães*”

Jorge Semedo de Matos

11:00 – 11:30 Debate | Discussion

11:30 – 11:50 Intervalo | Coffee break

9.^a SESSÃO | 9th SESSION

Dos Oceanos, da fauna e da flora / The oceans, fauna and flora

9^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: Juan Santana Perez

11:50 – 12:10 “*Do Atlântico ao Pacífico: o Roteiro dum piloto genovês*”

Nunziatella Alessandrini

12:10 – 12:30 “*Nuno da Silva, o piloto esquecido*”

José Maria Moreno Madrid

12:30 – 12:50 Debate | Discussion

12:50 – 14:20 Almoço | Lunch

10.^a SESSÃO | 10th SESSION

Do encontro de culturas / The encounter of cultures

10^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: José Blanco Nunez

14:20 – 14:40 “*A rivalidade luso-castelhana em perspectiva. Histórias cruzadas de exploração dos mares no século XVI*”

Amândio Barros

14:40 – 15:00 “*Portugueses, Espanhóis e Moluquenses: guerra e práticas militares nas ilhas Molucas (1511-1540)*”

Vitor Gaspar Rodrigues

15:00 – 15:20 “*Ilhas do Pacífico na viagem de Magalhães e Elcano*”

Juan Manuel Santana Perez

15:20 – 15:50 Debate | Discussion

11.^a SESSÃO | 11th SESSION

Da náutica, cartografia e arte de navegar / The nautical, cartography and art of navigation

11^a Mesa | Panel

Presidente | Moderator: José Ramon Vallespin

15:50 – 16:10 “*As longitudes determinadas por André de San Martin durante a viagem e as suas consequências*”

José Manuel Malhão Pereira

16:10 – 16:30 “*Decisiones controvertidas de D. Fernando Magallanes*”

José Blanco Nuñez

16:30 – 16:50 Debate | Discussion

16:50 – 17:10 Intervalo | Coffee break

17:10

SESSÃO DE ENCERRAMENTO | ENDING SESSION

Presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada,
Almirante António Maria Mendes Calado

Conferência de Encerramento | Ending Conference

“O possível projeto de retorno de Magalhães: os documentos da nao Trinidad e a rota do Istmo de Panamá”

Juan Marchena

Palavras finais | Ending remarks

Professor Doutor Vítor Gaspar Rodrigues, Presidente da Comissão Científica
Almirante Francisco Vidal Abreu, Presidente da Academia de Marinha

17:50

Momento musical | musical moment

Quinteto Clássico da Banda da Armada

18:20

Beberete | Farewell drink

Fim do Simpósio | End of Symposium

NOTAS GERAIS

COMUNICAÇÕES

Cada comunicação terá a duração de 20 minutos, com exceção das conferências de abertura e de encerramento que serão de 30 minutos, e no final de cada mesa haverá um debate com a duração de 20 minutos.

EXPOSIÇÃO NA GALERIA DA ACADEMIA DE MARINHA

Estarão patentes na Galeria as publicações mais recentes da Academia de Marinha, bem como todos os exemplares das Atas de Simpósios anteriores, as quais podem ser adquiridas no local.

ALMOÇOS

Nos dois dias do Simpósio os conferencistas e os participantes inscritos poderão almoçar na Messe da Marinha, bastando para isso obter a respetiva senha no Secretariado durante a manhã de cada dia.

LIVRO DO SIMPÓSIO

O texto escrito, que será objecto de revisão por pares, deverá ser formatado seguindo as normas bibliográficas adoptadas pela Academia de Marinha, as quais estão disponíveis no Portal: <https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Paginas/Legislacao.aspx>, e enviado à Academia de Marinha, em suporte digital, até ao final do mês de fevereiro de 2022 e não deve exceder os 70 mil caracteres.

INFORMAÇÕES | INFORMATION

Informações disponíveis no portal da Academia de Marinha (academia.marinha.pt), ou através dos telefones 210 984 707/708/709/710

GENERAL INFORMATION

COMMUNICATIONS

Each paper will last 20 minutes, except for the opening and closing conferences, which will last 30 minutes. At the end of each panel there will be a 20 minutes debate.

LUNCHES

During the two days of the Symposium, the speakers and the registered participants may have lunch at Messe da Marinha. You may obtain the respective ticket at the Secretariat during the morning of each day.

SYMPOSIUM BOOK

The written text, which will be peer-reviewed, should be formatted following the bibliographic standards adopted by the Academia de Marinha, and sent in digital format, until the end of February 2022 and must not exceed 70 thousand characters. Information available on the portal: <https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Paginas/Legislacao.aspx>

INFORMATION

Information available at the portal of the Academia de Marinha (academia.marinha.pt), or through the telephones 210 984 707/708/709/710

CONFERENCISTAS | SPEAKERS

Filipe Vieira de Castro
José Manuel Garcia
David Salomoni
Carlota Simões
António Costa Canas
Adelino Rodrigues da Costa
Nuno Vila-Santa
Susana García Ramírez
Fernando Gomes Pedrosa
João Abel da Fonseca
Victor Serrão
Ana Paula Avelar
João Teles e Cunha
Marta Méndez López de Bustamante
Marília dos Santos Lopes
Felice Santa Maria
George Emmanuel R. Borrinaga
Antonio Sánchez de Mora
José Manuel Núñez de la Fuente
Manuel J. Parodi Álvarez
Roberto Fernandez
Osvaldo Angel Canosa
Juan Antonio Varese
José Ramón Vallespín
José María Moreno Martín
Jorge Semedo de Matos
Nunziatella Alessandrini
José María Moreno Madrid
Amândio Barros
Vítor Gaspar Rodrigues
Juan Manuel Santana Pérez
José Manuel Malhão Pereira
José M^a Blanco Núñez
Juan Marchena

APRESENTAÇÃO

Tendo o I Simpósio de História do Oriente abordado a temática Os Portugueses e a Ásia Marítima: trocas científicas, técnicas e sócio-culturais (séculos XVI-XVIII), este II Simpósio sequenciará o debate que tem vindo a ser desenvolvido nesta Academia em torno de Fernão de Magalhães e o Conhecimento dos Oceanos. Assim, neste ano de 2021 a nossa atenção refletir-se-á sobre Magalhães e Elcano, tendo em atenção a exploração das “Pacíficas às Índicas águas”.

A abordagem conceptual usada pela História Global, que a par de uma precisa utensilagem conceptual procura integrar o conhecimento sobre o Mundo e os Outros, oferece-nos os instrumentos a usar nesta reflexão, pois privilegiando o estudo sobre as conexões, que numa escala global valorizam redes, circulações e apropriações, ampliar-se-ão os conhecimentos sobre os espaços oceânicos.

Partida a expedição magalhânica a 20 de setembro de 1519 de Sanlúcar de Barrameda em direção às Molucas, seguindo a rota para ocidente, a armada de cinco naus iria concretizar a navegação do Atlântico até à zona mais meridional do continente americano. Já reduzida a 3 navios, as naus Victoria, Trinidad, e Concepción, a expedição saía, a 28 de novembro de 1520, para o Oceano então batizado “Pacífico”, iniciando-se a sua exploração, tarefa que, em grande parte, decorreria no ano seguinte. Contudo, a 27 de abril de 1521 Fernão de Magalhães perdeu a vida em Mactan e só a 8 de novembro as duas naus restantes, a Trinidad sob o comando de Gonzalo Gómez Espinosa e a Victoria, capitaneada por Juan Sebastián Elcano, chegariam finalmente a Tidore, atingido as ambicionadas “ilhas do cravo”. Exercitando-se a “arte de navegar”, encontraram-se diferentes povos, narraram-se novas experiências e deu-se a conhecer um novo mundo de “novidades” ... Abriu-se o que alguns historiadores, que se debruçam sobre as “Pacíficas águas”, consideram ser uma “civilização sem centro”, integrando-se novas escalas globais oceânicas, irradiando múltiplos movimentos, económicos, sociais, políticos, culturais... e outros cujas interconexões importa estudar.

Assim, neste II Simpósio de História do Oriente, percorrendo a complexa análise que pode ir desde uma dimensão biográfica à abordagem macro-histórica, evocam-se as figuras de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián Elcano, propondo-se uma abordagem plural sobre a construção do conhecimento em torno das “Pacíficas às Índicas águas”. Visa-se deste modo, reflectir sobre uma época, a de 1519-1522 e as suas repercussões, e sobre uma História, a sempre desafiante História dos oceanos.

A Academia de Marinha promove, nos dias 23 e 24 de Novembro de 2021, a realização do II Simpósio de História do Oriente, dedicado ao tema Magalhães e Elcano e a Exploração das “Pacíficas às Índicas águas”, convidando os académicos, estudantes e investigadores dos mais diferenciados ramos do saber a submeterem propostas de comunicações a um dos quatro grandes temas em debate:

1. *Dos Oceanos, da fauna e da flora*
2. *Da náutica, cartografia e arte de navegar*
3. *Dos agentes e da sua ação*
4. *Do encontro de culturas*



(quod vulgo Mar del Ind)
an reuerentis interuentibus vltimis in mltis
pafes fura, anglica, frangit.

MARE
SIVE M.

Santa Helena

VOD TVLGO

Peru.

Peru per vltimas partes interitus dicitur
Mortuus non se dicit vltis part.
Peru vltis non vltimas non se
MARE TVLGO

PRESENTATION

The I Symposium of History of the Orient focused on The Portuguese and Maritime Asia: scientific, technical and sociocultural trades (XVI-XVIII centuries). The II Symposium aims to develop this previous reflection on Magellan and on the knowledge of the Oceans. Thus, in the year of 2021 our focal point embraces Magellan and Elcano: The exploration of the “Pacific to Indian waters”.

Global History’s conceptual approach, which through specific categories tries to combine the knowledge about the World and the Other, provides the instruments for this reflection, since it privileges the study about connections, which value networks, circulations and appropriations, on a global scale eventually amplifying the knowledge on the oceanic spaces.

Magellan’s expedition set sail from Sanlúcar de Barrameda on 20 September 1519 towards the Moluccas, following the western route, with five ships that would make the voyage through the Atlantic until the southernmost zone of the American continent. Later reduced to three ships, the Victoria, Trinidad, and Concepción, the expedition would leave, on 28 November 1520, to the ocean then named “Pacific”, starting its exploration, a task that basically took place in the following year. However, on 27 April 1521, Magellan lost his life on Mactan and only on 8 November the two remaining ships, Trinidad skippered by Gonzalo Gómez Espinosa and Victoria skippered by Juan Sebastián Elcano, reached Tidore, the coveted “spice clove islands”. Exercising the “art of navigation”, new people were found, new experiences were told and a new world of “novelties” was known. It opened up what some historians on the “Pacific waters”, considered to be a “civilization without center”, comprising new global oceanic scales, irradiating multiple economic, social, political cultural movements, and new cultural connections.

Thus the II Symposium on the History of the Orient hosts manifold reflections, either with biographical dimension, such as those of Magellan and Elcano, or macro-historiographical ones, aiming a diverse approach on the construction of knowledge about “Pacific and Indian waters”. The Symposium aims to reflect both on a time span between 1519 and 1522 and its repercussions, and on History, the always challenging History of the Oceans.

The Academia de Marinha promotes, on, the II Symposium of History of the Orient, dedicated to the theme Magellan and Elcano: The Exploration of “the Pacific and Indian waters”, inviting academics, students and researchers from the most different branches of knowledge to submit their papers to one of the following four main themes in debate:

1. *The oceans, fauna and flora*
2. *The nautical, cartography and art of navigation*
3. *The agents and their actions*
4. *The encounter of cultures*



(quod vulgo Mar del Ind)
an rebus in interuentibus vltimis in mltis
pafes fura, anglica, frangit.

MARE
SIVE M.

Santa Helena

VOD TVLGO

Peru.

Peru per vltimas partes interitus dicitur
Mortuus non se dicit vltis part.
Peru vltis non vltima non se
MARE TVLGO

Filipe Vieira de Castro

- Filiação institucional – Texas A&M University, E.U.A.
- Áreas de trabalho – Arqueologia Náutica; Antropologia; História da Construção Atlântica.
- Publicações – *The Pepper Wreck*. College Station: Texas A&M University Press, 2005; *A Nau de Portugal*. Lisboa: Prefácio, 2003.
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de Artes, Letras e Ciências.



“Navios Europeus dos Séculos XV e XVI”

Embora saibamos muito sobre a história dos descobrimentos e da expansão europeia, os navios são-nos ainda desconhecidos. Não há quase textos sobre a construção naval ibérica durante todo o século XV e primeira metade do século XVI, a iconografia é rara e impressionista, e não há praticamente naufrágios deste período. Apesar das inúmeras réplicas construídas, não se sabe quase nada sobre o tamanho, a forma do casco, o aparelho, a repartição dos espaços interiores e os aprestos dos navios de Vasco da Gama, Colombo e Magalhães. Esta comunicação tenta inventariar as dúvidas mais importantes e abordar o que sabemos sobre os navios deste período, que foram o equivalente aos space shuttles do século XX.

José Manuel Garcia

- Filiação institucional – Gabinete de Estudos Olisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História da Expansão Portuguesa
- Publicações – *Fernão de Magalhães: Lisboa e o início da mundialização*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2018; *O livro de Francisco Rodrigues: o primeiro atlas do mundo moderno*. Porto: Editora da Universidade do Porto, 2008; *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*. Lisboa: Editorial Presença, 2007
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“O descobrimento do Oriente pelos portugueses no tempo de Fernão de Magalhães”

Quando Fernão de Magalhães foi para a Índia em 1505, seis anos depois de Vasco da Gama ter acabado de descobrir o caminho marítimo para lá chegar (1497-1499), os portugueses já haviam feito o reconhecimento do Índico ocidental. Entre 1505 e 1509 também ele frequentou muitos dos territórios então identificados desde Sofala a Cochim, passando por Moçambique, Quíloa, Mombaça, Diu, Goa, Anediva, Onor e Cananor, podendo mesmo ter ido a Ceilão, ilha que fôra reconhecida em 1506. Em 1509, Magalhães foi um dos que participou no descobrimento português do Índico Oriental ao integrar-se na armada de Diogo Lopes de Sequeira que foi à ilha de Samatra e à cidade de Malaca, o grande centro de comércio entre o Índico Oriental e o Pacífico. Em 1511, ele voltou a esta cidade quando colaborou na sua conquistada por Afonso de Albuquerque, tendo sido daí que partiu com António de Abreu à descoberta das Molucas do Sul, ilhas que nunca tinham sido contactadas pelos europeus. Em 1513, Jorge Álvares chegou à China deixando assim identificado pelos portugueses o essencial dos espaços marítimos da Ásia. Foi neste ano que Magalhães regressou a Lisboa de onde em 1517 partiu para Espanha, aí tendo começado em 1519 a viagem que o celebrou por ter logrado descobrir uma via ocidental para ir ao Oriente a ter conseguido identificar pela primeira vez em 1521 as Filipinas. Nessa altura Magalhães integrou este arquipélago não apenas no conhecimento europeu mas sobretudo percecionou então a realidade da forma do globo terrestre. É todo este processo de descobrimentos que aqui pretendemos resumir e enquadrar na valorização do papel que nele teve Magalhães, o qual nos permite perspetivar uma visão do mundo antes e outra depois de ter levado a cabo a sua viagem de circum-navegação.

David Salomoni



- Filiação institucional – Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – History of Education and Science in Early Modern Europe.
- Publicações – Magellano: Una storia globale. Roma-Bari: Laterza, 2021; Educating the Catholic People: Religious Orders and Their Schools in Early Modern Italy, 1500-1800. Leiden-Boston: Brill, 2021; 1776: Echoes of the American Revolution in the Dukedom of Parma, Piacenza and Guastalla. Munich: Grin Verlag, 2012.
- Member of the Italian Center for Pedagogical Research (CIRPED); Member of the Association of Italian Researchers in Portugal (HIPACIA).

“The Italian Pacific and Indian Oceans: Pigafetta and his Audience in the Construction of the Pacific and Indian Oceanic Spaces”

Among the most important aspects of the Magellan-Elcano voyage is that its historical memory was constructed post-factum, once the journey considered as a historical event was over. One of the richest sources on this enterprise is the Relazione del primo viaggio intorno al mondo, written by the Italian Antonio Pigafetta. This document, more than any other, helped shaping the European collective imagination of the first circumnavigation of the world. However, the Relazione, more than other sources, is a document in which a multiplicity of cultural influences determined the narrative of Magellan’s voyage. In this paper I want to discuss how different personalities from Pigafetta’s entourage exerted an influence on the way he described, represented and conceptualized the spaces of the Pacific and Indian oceans, once he returned to Italy. Among these characters there are some representative personalities of the Italian Renaissance such as the apostolic nuncio Francesco Chiericati, the Duke of Mantua Federico Gonzaga, and the daughter of Ercole d’Este, Isabella. It can be said that the Italian culture of the Renaissance contributed in a decisive way to the construction of the Magellanic memory. This is also valid in the construction of the oceanic spaces of the Pacific and the Indico. In the course of the paper I will go through some little considered aspects in Pigafetta’s conceptualization processes of these two vast oceans.



- Filiação institucional – Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra/Centro de Física da Universidade de Coimbra.
- Áreas de trabalho – História das Ciências; Comunicação de Ciências; Ciência e Artes.
- Publicações – *História da Ciência na Universidade de Coimbra, 1772-1933*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013 (ed.); *Portugueses na Austrália*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

“Método das distâncias lunares – comparação das propostas de Werner e Faleiro”

Para determinar a longitude das Molucas, Fernão de Magalhães pediu a Rui Faleiro que preparasse um regimento com propostas para determinação daquela coordenada. O cosmógrafo português sugeriu três métodos, consistindo um deles na observação da distância angular entre a Lua e outro astro. Poucos anos antes, em 1514, o cosmógrafo alemão Joahannes Werner sugerira um processo semelhante, sendo considerado pela historiografia como o “inventor” do método das distâncias lunares. Nesta comunicação serão comparadas as duas propostas, tão próximas cronologicamente, para perceber quais as semelhanças e diferenças entre ambas. Serão igualmente apresentados outros casos anteriores à proposta de Werner, de possíveis utilizações deste método, nomeadamente por Colombo e Vespúcio. Durante a viagem, Andrès de San Martin teria usado, várias vezes, o método das distâncias lunares. António de Herrera apresenta uma descrição detalhada da observação por ele feita no Rio de Janeiro, indicando as alturas obtidas. Será analisada essa descrição, usando ferramentas atuais de cálculo, para perceber a validade do método proposto.

António Costa Canas

- Filiação institucional – Escola Naval/CINAV; Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História da Ciência Náutica; História da Marinha.
- Publicações – *Os submarinos em Portugal*, Lisboa, Prefácio, 2009; *Naufrações e Longitude*, Lisboa, Comissão Cultural de Marinha, 2003.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“Método das distâncias lunares – comparação das propostas de Werner e Faleiro”

Para determinar a longitude das Molucas, Fernão de Magalhães pediu a Rui Faleiro que preparasse um regimento com propostas para determinação daquela coordenada. O cosmógrafo português sugeriu três métodos, consistindo um deles na observação da distância angular entre a Lua e outro astro. Poucos anos antes, em 1514, o cosmógrafo alemão Joahannes Werner sugerira um processo semelhante, sendo considerado pela historiografia como o “inventor” do método das distâncias lunares. Nesta comunicação serão comparadas as duas propostas, tão próximas cronologicamente, para perceber quais as semelhanças e diferenças entre ambas. Serão igualmente apresentados outros casos anteriores à proposta de Werner, de possíveis utilizações deste método, nomeadamente por Colombo e Vespúcio. Durante a viagem, Andrès de San Martin teria usado, várias vezes, o método das distâncias lunares. António de Herrera apresenta uma descrição detalhada da observação por ele feita no Rio de Janeiro, indicando as alturas obtidas. Será analisada essa descrição, usando ferramentas atuais de cálculo, para perceber a validade do método proposto.

Adelino Rodrigues da Costa

- Filiação institucional – Academia de Marinha.
- Áreas de trabalho – Goa; Cartografia Náutica.
- Publicações – *A Marinha de Goa e outros ensaios náuticos*, 2009; *A cartografia náutica de Goa nos séculos XVI a XVIII*. (2003).
- Membro Emérito da Academia de Marinha.



“O ano de 1521: a navegação entre Cebu e Tidore”

A expedição com que Fernão de Magalhães largou para as Molucas no dia 20 de Setembro de 1519, chegou à ilha de Cebu depois de cerca de 582 dias de viagem, tendo o seu comandante sido morto em combate na vizinha ilha de Mactan no dia 27 de Abril de 1521. A expedição deixou Cebu e depois de cerca de 193 dias de viagem, as naus Trinidad e Victoria ancoraram na ilha de Tidore no dia 8 de Novembro de 1521. As duas naus estiveram 43 dias naquela ilha das Molucas, mas no dia 21 de Dezembro de 1521 a nau Victoria, às ordens de Juan Sebastián de Elcano, decidiu navegar para Espanha pela rota do Cabo, chegando a Sanlúcar de Barrameda no dia 6 de Setembro de 1522. Elcano, alguns companheiros e a nau Victoria tinham dado a volta ao mundo em cerca de 1077 dias. A navegação entre as ilhas de Cebu e de Tidore correspondeu a cerca de 18% do tempo total da viagem e foi o período que decorreu desde o dia em que “murió nuestro guía, nuestra luz y nuestro sostén”, um homem “versado más que ninguno en el conocimiento de las cartas náuticas”, como Antonio Pigafetta se referiu a Fernão de Magalhães. Depois, aconteceu o massacre de Cebu em que foram mortos alguns dos mais destacados membros da expedição, como Duarte Barbosa, Juan Serrano e Andrés de San Martín. A desolação, a desorientação e a incerteza sobre o que se aproximava devem ter sido enormes, porque segundo Pigafetta “estuvimos muchas veces a punto de abandonar los navios y establecernos en cualquier tierra, para terminar en ella nuestros dias”. O cronista Fernão Lopes de Castanheda que “andou na Índia quasi dez annos, correndo a mór parte della, até chegar a Maluco”, referiu-se àquela situação, escrevendo que “dali forão ter a outra ilha chamada Mindanao, & depois a outra que auia nome Sanguim. E andando perdidos & sem saber ôdestauão nem esperança de ho saber nunca”. O nosso propósito é, com base no relato de Pigafetta, reconstituir a derrota seguida pela expedição entre Cebu e Tidore, com referência aos seus comandantes, à falta de pilotos e às dificuldades hidrográficas e meteorológicas por que passou a expedição.

Nuno Vila-Santa

- Filiação institucional – Investigador do CHAM e do CIUHCT.
- Áreas de trabalho – Investigação sobre a Ásia Portuguesa na segunda metade do século XVI.
- Publicações – Biografia de Francisco Barreto, governador da Índia e do Monomotapa (1555-1558; 1569-1573), publicada pela Câmara Municipal de Loulé em 2021. Recentemente têm-se debruçado sobre a circulação e apropriação do conhecimento marítimo português durante o século XVI por França, Inglaterra e Países Baixos.



“Uma consequência indirecta da circum-navegação de Magalhães-Elcano? Linschoten e os roteiros ibéricos Pacífico-Índico (1583-1596)”

Uma das múltiplas consequências da circum-navegação de Magalhães e Elcano de 1519-22, foi o acentuar de um interesse europeu pelo conhecimento científico das rotas marítimas para a Ásia. França, Inglaterra e mais tarde as Províncias Unidas procuraram organizar expedições de descoberta geográfica e marítima, embaladas pela senda aberta pela viagem de Magalhães.

Já no final do século XVI, em 1596, o neerlandês Jan Huygen van Linschoten, publicou uma compilação de roteiros ibéricos, fundamental no início da expansão marítima neerlandesa na Ásia, e na qual incluiu diferentes roteiros do Pacífico-Índico. Nesta breve comunicação, iremos detalhar a base ibérica dos roteiros do Índico-Pacífico publicados por Linschoten, procurando perceber onde o neerlandês adquiriu a informação, que alterações lhe introduziu e quem interveio no processo de publicação. Iremos ainda explorar o significado da hierarquia estabelecida pelo próprio das regiões a apostar no Índico-Pacífico.

Poderá a compilação publicada por Linschoten em 1596 e as suas sucessivas traduções e reedições durante o século XVII, ser vista como mais uma consequência indirecta da viagem de Magalhães na longa duração do século XVI? Terá a viagem de Magalhães iniciado uma era de globalização do conhecimento marítimo a uma nova escala? Eis as principais questões, às quais procuraremos dar resposta.

Susana García Ramírez

- Filiação institucional – Museo Naval de Madrid.
- Áreas de trabalho – investigadora perteneciente al Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada.
- Publicações – “La amistad de Carlos I, Rey de Castilla, con Tuan Maamud, señor de Polán”.
-



“La amistad de Carlos I, Rey de Castilla, con Tuan Maamud, señor de Polán”

Cinco meses después de la muerte de Magallanes, la expedición, durante la ruta que la conduciría a las anheladas Islas de las Especias, registró documentalmente el cautiverio a bordo de la Victoria del señor de la isla de Poloán (Palawán), de su hijo y de su hermano, además de otras personas de la isla. La licitud de ese acto se encontraba en las instrucciones que más de dos años antes, el 8 de mayo de 1519, el rey había firmado en Barcelona para su aplicación durante el viaje. Esas instrucciones, entre otros aspectos, contemplaban la diferencia de trato que debía dispensarse a quienes manifestaran su voluntad de establecer amistad con el rey de Castilla y los que no lo hicieran. Pero también puntualizaban la forma de proceder con los musulmanes, como era el caso, y de cómo actuar en función de su estatus. La conjugación del documento que narra este episodio del viaje a la Especiería, on las instrucciones reales con las que la Armada de Magallanes partió de Sevilla, porta una serie de datos sociológicos, cronológicos y culturales que constituyen una fuente fundamental para el conocimiento del encuentro entre los expedicionarios occidentales y los nativos orientales.

Fernando Gomes Pedrosa

- Filiação institucional – Academia de Marinha, Lisboa.
- Áreas de trabalho – História Marítima.
- Publicações – *O declínio do poder naval português. A Marinha, o Corso e a Pesca nos inícios do séc. XVII*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2009; *Os Homens dos Descobrimentos e da Expansão Marítima. Pescadores, Marinheiros e Corsários*.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“Influências europeias e asiáticas na artilharia portuguesa dos séculos XV e XVI”

Quando os portugueses chegaram à Índia, já dispunham das peças de artilharia mais evoluídas da Europa, como a passavolante, a serpentina e a colubrina. A passavolante será de origem italiana, já existia em 1404 e está documentada em Portugal pela primeira vez em 1475, assim como a serpentina, da Alemanha, Inglaterra, Borgonha e Países Baixos. Em 1484 residia na cidade do Porto um «mestre de fazer passavolantes e outras artilharias». Em 1489 o rei D. João II criou uma nómia de 35 «bombardeiros do mar» capitaneada por um alemão, que os deveria ensinar a disparar «com serpentinas e tiros outros pequenos». Estas serpentinas devem ser canhões serpentinos. A colubreta, uma das colubrinas, de origem francesa, apareceu pela primeira vez à volta de 1437.

Na Índia, o encontro da artilharia portuguesa com a asiática deu origem naturalmente a influências mútuas. Uma delas foi a atribuição do nome «camelo» a um canhão pedreiro, nome que na Europa só foi usado pelos portugueses. A palavra será de origem turca, usada primeiro para designar uma arma neurobalística, isto é, mais um caso de uma arma neurobalística que deu nome a outra pirobalística, como sucedeu à espingarda, ao arcabuz e à passavolante. Também de origem asiática é o espalhafato, canhão pedreiro de maior calibre. Um deles estava no Passo de Benastarim quando Afonso de Albuquerque conquistou Goa e alguns estão agora no Museu Militar de Lisboa. Atribui-se aos chineses a primazia no emprego de foguetes de guerra (rôquetes), no que foram acompanhados pelos indianos, coreanos e outros asiáticos. Os portugueses aprenderam a usá-los com os indianos, uns de bambu e outros de ferro, e chamaram-lhes bombas de fogo ou lanças de fogo. António Bocarro é o cronista que melhor os descreve: «são uns foguetes de ferro que vêm com tanta força, que dando numa palmeira a passam de parte a parte».

João Abel da Fonseca

- Filiação institucional – Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História e Sócio Correspondente da Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa; História do Brasil.
- Publicações – Entradas Mayr, Hans [697-699]; Münzer, Jerónimo [752-754]; Salle, Antoine de la [928-930]; Varthema, Ludovico de [1024-1026]. In *Dicionário da Expansão Portuguesa, Vol. 2*, dir. Francisco Contento Domingues. Lisboa: Círculo de Leitores, 2016.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



«Dão-lhe o nome de Mar Pacífico os marítimos hespanhoes». Vida e Viagens de Fernão de Magalhães por Diego de Barros Arana. 1864”

Corria o mês de Junho de 1864 quando saiu dos prelos da 'Imprensa Nacional de Santiago de Chile' a obra do historiador chileno Diego de Barros Arana, intitulada Vida i Viajes de Hernando de Magallanes. Em 1881, no seguimento do interesse que alguns sócios da então Academia Real das Sciencias de Lisboa vinham mantendo pelo estudo da vida e da famosa viagem de Fernão de Magalhães, foi dada à estampa pela sua tipografia a tradução do espanhol da referida obra, de que foi encarregado Fernando de Magalhães Villas-Boas, bacharel formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, coronel do Corpo do Estado Maior e Secretário da Escola Politécnica de Lisboa. O corpo da obra, dividida em dez capítulos, acrescida de ilustrações e do referido apêndice, atestam o estado da arte sobre o tema em apreço na segunda metade do século XIX, através das considerações significadas, a par da citação de trechos de obras de autores conhecidos, nacionais e estrangeiros.

Fiéis aos propósitos enunciados, sobre «a complexa análise que pode ir desde uma dimensão biográfica à abordagem macro-historiográfica», pensamos poder contribuir com o singelo estudo, ora proposto, para melhor se entender a «abordagem plural sobre a construção do conhecimento em torno das “Pacíficas às Índicas águas”», mormente, recorrendo ao capítulo VIII da obra de Barros Arana: "A esquadriha de Magalhães entra no grande oceano. Dão-lhe o nome de Mar Pacífico os marítimos hespanhoes".

Vítor Serrão

- Filiação institucional – Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – investigador do centro ARTIS-Instituto de História da Arte.
- Publicações – *Estudos de Pintura Maneirista e Barroca* (1989), *André de Padilha e a pintura quinhentista entre o Minho e a Galiza* (1998), *A Cripto-História da arte* (2000), *O Renascimento e o Maneirismo* (2002), *O Barroco* (2003), *Arte, Religião e Imagens em Évora no tempo do Arcebispo D. Teotónio de Bragança* (2015) e *Os Retratos dos Meses da Sé de Miranda do Douro, uma rara alegoria pintada em Antuérpia por Peter Balten* (2019).
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“Sobre uma representação idealizada de Fernão de Magalhães: a gravura de Johannes van der Straeten à luz do seus significados iconológicos”

No final do século XVI, Johannes van der Straeten (1523-1605), pintor e gravador flamengo estabelecido em Florença e aí conhecido como Giovanni Stradano, compôs uma série de estampas sobre as descobertas dos Novos Mundo. Uma das estampas de Stradano representa o navegador português enfrentando com intrepidez os perigos do oceano inóspito e é muito interessante. Já Rudolf Wittkower (1901-1971) a tomou como exemplo da lição iconológica de Aby Warburg, destacando a originalidade absoluta de nela se representar Rock, a Sigurth, ave mitológica absolutamente desconhecida na Europa cristã. Vemos nessa estranha representação a batalha escatológica entre o deus solar indiano Garuda, a serpente Nāga e a tartaruga. O tema surge na arte indo-portuguesa em peças de mobiliário e em têxteis, desde o fim do século XVI e ao longo do XVII, trans-memorialização desse mito oriental descrito por Pigafetta. O sentido escatológico do pássaro gigante que transporta um elefante podia ser visualmente interpretado pelos europeus na sua dimensão benfazeja da vitória do Bem sobre o Mal.

Temas como este, explorados no «largo tempo do Renascimento», revelam a força dos ecos de longínquas culturas do «Oriente pagão» que, apesar da óbvia mudança contextual, na sua primitiva identidade e na perduração dos seus significados, sobrevivem e se revitalizam na Europa cristã do século XVI.

Ana Paula Avelar

- Filiação institucional – Universidade Aberta, Lisboa.
- Áreas de trabalho – História Moderna e da Expansão; Estudos Coloniais; Estudos de Cultura.
- Publicações – *Figurações da Alteridade na cronística da Expansão*. Lisboa: Universidade Aberta, 2003; *Visões do Oriente - formas de sentir do Portugal do século XVI*. Lisboa: Colibri, 2002; *Fernão Lopes de Castanheda, cronista do governador Nuno da Cunha?*, Lisboa, Cosmos, 1999.
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“Da escrita sobre as Ilhas Molucas como espaço de disputa e ou partilha na historiografia portuguesa do séc. XVI”

Recorrendo a toda uma série de outros textos da expansão, nomeadamente à cronística quinhentista ibérica e muito em particular a portuguesa, a nossa reflexão toma como ponto de partida a escrita de António Galvão e do seu Tratado dos Descobrimentos. Refletir-se-á sobre o modo como se interiorizou um conhecimento sobre a expedição magalhânica relativamente ao cobiçado comércio do cravo, e às disputas pela pertença ou partilha das ilhas Molucas por parte dos poderes imperiais ibéricos. Com efeito, este Tratado sistematiza, pela primeira vez, no espaço da historiografia portuguesa e como o seu título indica, os diversos e desvayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta & especiaria veio da Índia às nossas partes, & assi de todos os descobrimentos antigos e modernos, que são feitos ate a era de mil & quinhentos & cincoenta. Com os nomes particulares das pessoas que os fizeram; & em que tempos & as suas alturas, obra certo muy notael e copiosa.

Deste modo, pretendemos demonstrar como, logo na segunda metade do século XVI, António de Galvão exercita no seu tratado a escrita de um modelo de História Universal que interroga o “anterior”, e em que a viagem magalhânica funciona, a uma escala global, como dado deflagrador das interconexões oceânicas, sendo paradigmático o facto de este autor afirmar que a calorosa recepção em Sevilha à expedição de Juan Sebastián Elcano se deveu tanto ao cravo que trazia como ao facto de ela ter dado uma volta ao mundo.

João Teles e Cunha

- Filiação institucional – Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Áreas de trabalho – História económica, social e cultural da Índia e do Golfo Pérsico na Idade Moderna
- Obras importantes – *Olha da grande Pérsia, o império nobre : relações entre Portugal e a Pérsia na Idade Moderna (1507-1750)*, (edição bilingue em português e persa),
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima



“No esteio de Magalhães. Um relato português da viagem de Legazpi (1564-1565)”

O Livro de Marinharia guardado em Praga, de compilador anónimo e cuja composição terminou no início da década de 1570, tem entre os vários roteiros que o compõem um relacionado com a viagem efectuada por Miguel Angel de Legazpi às Filipinas. Não se sabe quem é o escreveu, mas a sua inclusão num roteiro português pode levantar suspeitas que o seu autor foi um português que seguiu a bordo da expedição. Do que não há dúvida é o interesse que tal viagem despertou do lado português, pelo que significaria em termos de presença europeia na Ásia Oriental e de possíveis rivalidades imperiais entre Portugal e Espanha.

Propomo-nos, assim, seguir a viagem de Legazpi e de analisar este roteiro à luz da informação que nos fornece para ver as pistas sobre o autor, bem como os detalhes da expedição que acabaria coroada de êxito volvidos mais de quarenta anos da navegação de Fernão de Magalhães.

Marta Méndez López de Bustamante

- Filiação institucional – Universidad CEU San Pablo de Madrid.
- Áreas de trabalho – Actualmente curso el máster de Mercado del Arte y Gestión de Empresas Relacionadas de la Universidad Antonio de Nebrija de Madrid.



“Aspectos antropológicos y biológicos de la Primera Vuelta al Mundo”

Nuestro tema a tratar es la expedición de la Armada del Maluco alrededor del globo desde un punto de vista antropológico y biológico. Configuraremos un mapa cultural, étnico y religioso de los diferentes pueblos nativos de Sudamérica, Oceanía y Sudeste Asiático con los que se encontraron los exploradores hasta llegar a las islas de las Especias. Asimismo, analizaremos el papel de la mujer en cada una de las comunidades y los procesos de transferencia cultural y religiosa entre los nativos y los exploradores. Completaremos el trabajo con referencias a las nuevas especies de flora y fauna y los fenómenos meteorológicos que presenciaron. Este viaje permitió por primera vez un conocimiento de pueblos de muy distintas latitudes, como los tupinambá, los chandules, los tehuelches, los chamorros y los visayos. Analizaremos sus creencias y cosmogonías, entre los cuales hemos encontrado varias cuestiones en común. Sus religiones se fundamentan sobre la base del animismo y del chamanismo, respondiendo a dualidades. Estas comunidades sienten adoración y culto por los ancestros, los cuales son vistos como héroes o semidioses a los que veneran a través de ofrendas y de rituales. Para entablar contacto con ellos recurren a la figura del chamán. La mujer es un miembro destacado y vertebrador de estos pueblos nativos. Algunas de las sociedades indígenas que hemos estudiado son matriarcales. La mujer aparece dentro de la comunidad como líder no sólo de la familia sino del pueblo, recibiendo el mando de la organización del clan. En el campo privado de la familia, el control de sus propiedades, y la potestad para el control de sus hijos, haciendo que la descendencia sea reconocida por vía materna. La tónica general fueron las buenas relaciones entre los europeos y los nativos. Podría considerarse el caso de Cebú como el más significativo. Las relaciones entre europeos y nativos avanzaron favorablemente y el proceso de conversión al catolicismo de estos pueblos comienza con este viaje.

Marília dos Santos Lopes

- Filiação institucional – Universidade Católica Portuguesa
- Áreas de trabalho – Professora associada com agregação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.
- Publicações – Writing New Worlds. The Cultural Dynamics of Curiosity in Early Modern Europe (2016); Identidade em viagem. Para uma história da cultura portuguesa (2015); “From Discovery to Knowledge: Portuguese Maritime Navigation and German Humanism” (2012); Ao cheiro desta canela. Notas para a história de uma especiaria rara (2002) e Coisas maravilhosas e até agora nunca vistas. Para uma Iconografia dos Descobrimentos (1998)
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“A expedição de Fernão de Magalhães e Elcano e a busca europeia de especiarias”

A expedição comandada por Fernão de Magalhães e Elcano ao serviço da coroa espanhola constituiu um término decisivo, não só em termos económicos, como no que respeita ao conhecimento dos oceanos, da fauna e da flora.

A presente comunicação procura abordar o contributo da viagem de Magalhães e Elcano para a exploração da flora oriental, em especial na observação e descrição acerca das especiarias. Com base em diferentes fontes, como relatos de viagens, crónicas ou mapas, procurar-se-á definir de que modo o conhecimento sobre o mundo natural índico usufruiu da expedição magalhânica para a construção de uma nova suma do saber botânico.

Felice Prudente Sta. Maria

- Filiação institucional – Museu Nacional das Filipinas.
- Áreas de trabalho – Curadorado Museu Nacional das Filipinas e membra do Conselho Consultivo do Museu Ayala.
- Publicações – Heirlooms and Antiques (published by GCF Books, 1980) received the Best Art Book award, 1981 given at the National Book Awards by The Manila Critics Circle; The Governor-General’s Kitchen: Philippine Culinary Vignettes and Period Recipes, 1521-1935 (published by ANVIL, 2006 and 2011) received Best Food Book and Best Designed Book awards, 2007 given at The National Book Awards by The Manila Critics Circle.



“Food and Diplomacy in the Philippines During the Magellan-Elcano Expedition”

When Ferdinand Magellan arrived in Philippine waters, the crew of his three remaining ships had endured extreme hunger for over three months while crossing the uncharted Pacific Ocean. The challenge was to feed his men and stock food, water, and firewood for the remaining journey to Maluco. Islanders welcomed the visitors with food as gifts. Trust was a concept known both by the voyagers and the islanders, strangers to each other. Confiar in Spanish and salig in Bisaya, trust could facilitate the securing of supplies.

Strategies for re-provisioning began with barter. The cargo used for exchange, however, was finite and included the gifts for native facilitators and, importantly, the payment for spices. Magellan attempted a political alliance with Rajah Humabon of Cebu but it resulted in a controversial food quota that cost him his life. The remaining crew began kidnapping for ransom payable in food as they found their way to Tidore. Hunger exposed itself as a threat to peace and respectability.

George Emmanuel R. Borrinaga

- Filiação institucional – University of San Carlos, Cebu City, Philippines.
- Áreas de trabalho – Assistant Professor
Department of Anthropology, Sociology and History.
- Publicações – *Withering the Storm: The Twin Natures of Typhoons Haiyan and Yolanda*, in Button, Gregory V., and Mark Schuller, eds. *Contextualizing Disaster. Catastrophes in Context, Volume 1*. New York and Oxford: Berghahn Books, 2016.



“History and Mythology in the Magellan Expedition’s First Landfall in Asia”

This paper will examine the contexts and impacts of the initial contact in Homonhon Island between members of the Magellan expedition and islanders from nearby Suluán starting around March 18, 1521. Integrating data from Spanish-contact chronicles and ethnographies, more recent folkloric and ethnographic studies, and hazard maps that highlight the frequency of meteorological and seismic phenomena in the areas traversed by the Magellan Expedition in the Visayas, the paper will consider the ways in which the arrival of Magellan’s ships and subsequent Spanish expeditions were perceived by islanders who shared close ethnolinguistic and clan links and a widely-held belief in indigenous deities (diwata) associated with frequent natural hazards. The available evidence suggests that, at the Spanish Contact, the then-uninhabited Homonhon Island was seen by ancient Bisayan communities as the abode of a sky-and-warrior deity known by different names who figured prominently in their origin myths and who was ritually approached for (among others) victory in war. Moreover, oral narratives from the Visayas and Mindanao recorded in the years and centuries after 1521 indicate that the coincidental arrival of Magellan’s ships and the landing of its crew on this sacred island following a treacherous trans-Pacific voyage was an early and crucial turning point in the meeting of two belief systems and ways of life 500 years ago this year.

Antonio Sánchez de Mora



- Filiação institucional – Archivo General de Indias, Sevilla, España.
- Áreas de trabalho – Nobleza castellana en la Plena Edad Media, archivística histórica, difusión del patrimonio documental y, recientemente, historia de la gastronomía española.
- Publicações – *Sabores que cruzaron los océanos / Flavors that sail across the Seas*, Madrid: Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, 2018. *Las viandas de la mayor aventura: El viaje de Magallanes y Elcano*. San Lorenzo del Escorial: Taberna Librería, 2020.

“Salvados por los cocos: El descubrimiento, la aceptación y los beneficios de los alimentos asiáticos en el contexto de la expedición de Magallanes-Elcano. 1521-1527”

Esta ponencia incide en el descubrimiento y aceptación de algunos alimentos asiáticos por parte de los miembros de la expedición liderada por Fernando de Magallanes y, a su muerte, por Juan Sebastián Elcano. Analiza algunos ingredientes de la gastronomía de las islas Filipinas, Molucas y otros enclaves en los que la armada enviada por la corona española hizo escala, alimentos que mencionan las distintas crónicas y demás fuentes primarias que describen lo sucedido durante esta expedición. Asimismo, se prolonga el estudio con una revisión de las fuentes portuguesas en relación con esta temática, abordando el consumo o la descripción de estos alimentos desde una perspectiva global. En particular, se incidirá en el consumo de los cocos, que resultaron clave para la supervivencia de los navegantes ibéricos.

José Manuel Nuñez de la Fuente

- Filiação institucional – Rede Mundial de Cidades Magalhânicas, Espanha.
- Áreas de trabalho – História Moderna e Antropologia.
- Publicações – *Diário de Fernão de Magalhães: O homem que tudo viu e andou*, 2019; *El testamento de Adan*, 2017.



“El viaje exploratorio de Magallanes: simplicidades y complejidades culturales”

Desde el comienzo de las grandes expansiones europeas en el siglo XVI, ya fueran por mar o por tierra, tuvo lugar la gestación de las primeras fronteras imperiales globales: geográficas, militares, territoriales, simbólicas, ideológico/culturales y, sobre todo, económicas. El fenómeno de la dominación interétnica entre pueblos diferentes, que no era nuevo, llegó a extremarse, según los casos, hasta el punto de inaugurar para la arqueología sociológica el fenómeno que hoy llamamos “supremacismo” cultural o civilizatorio. En el caso de la primera circunnavegación, tenemos claros ejemplos, desde el modelo eurocéntrico, de cómo aquellos viajeros, armados de esa curiosidad tan humana y universal de explorar y descubrirlo todo, se encontraron con paisajes y pueblos absolutamente desconocidos, que presentaban pautas culturales y de organización social indefinibles para los europeos de la época, lo cual constituía un motivo de constante sorpresa, añadido al problema de la antigua concepción unitaria del género humano, puesta en cuestión gravemente desde entonces por la tremenda variedad de los pueblos hallados, así como de sus economías, de sus artes, de sus creencias y de su cosmovisión en suma. Magallanes y su tripulación se toparon de bruces con los imaginados gigantes patagones, más tardíamente exterminados junto a otros grupos indígenas vecinos: los selk’nan, yámanas y alakalufes, como también se asombraron con las “rarezas y salvajismos” de los grupos polinesios y malayos, a los cuales creyeron ingenuamente someter en vasallaje y cristianizar a fuerza de razones de fuerza, en tanto aquellos, por razones de supervivencia, seguían disimuladamente creyendo en sus divinidades locales. Con ello, trataremos entonces de sumergirnos en aguas procelosas para esbozar al menos un marco de análisis de los encuentros, desencuentros, mestizajes, segregaciones, asimilaciones y exterminios, en tanto producto y resultado de la disposición de las fronteras imperiales a nivel global.

Manuel J. Parodi Álvarez

- Filiação institucional – Universidad de Cádiz.
- Áreas de trabalho – Miembro de la Red Internacional de Universidades Magallánicas.
- Publicações – Autor de una treintena de libros, 200 artículos científicos y un millar de artículos divulgativos de Historia y Patrimonio.



“La Sanlúcar de Barrameda que conoció Magallanes en las páginas de Antonio Pigafetta”

En el pasado se guardan las claves del presente, y bajo los perfiles actuales de una ciudad histórica como es Sanlúcar se esconden precisamente las claves de un mundo que fue y que, en realidad, no ha dejado de ser por completo, pues la ciudad no es sólo lo que vemos, no es sólo el paisaje urbano, monumental, viario, que se abre ante nuestros ojos cotidianamente, ni el firme que sostiene nuestros pasos de modo silente, sino que bajo lo que vemos, tras lo que vemos, subsumido en lo que vemos está (más de lo que pensamos las más de las veces), como venimos diciendo, lo que una vez, lo que otrora, fue.

Y ese mundo que una vez fue marca en cierta medida los ritmos de lo que ahora es (sean lo que sean ese “una vez” y ese “ahora”): manzanas urbanas, edificios monumentales, hitos de la ciudad y calles y plazas que hoy son, muchas veces responden a los perfiles de manzanas, edificios y calles que una vez fueron, cuya traza, cuya sombra quizá, son reproducidas por los hitos contemporáneos en su ubicación y/o en su perfil, diluido el aspecto que quizá una vez tuvieron, que una vez quizá pudieron tener, perdido el positivo de sus formas acaso, pero no el negativo de las mismas, no su huella, no su fósil, y ello en más casos de los que imaginamos.

En los párrafos del presente trabajo nos adentraremos en la huella que la Sanlúcar de Barrameda -puerta de América, de África y de Oriente para la Monarquía Hispánica- que conoció Hernando de Magallanes a principios del siglo XVI dejaría en las páginas del cronista de la expedición de la I Vuelta al Mundo, el italiano Antonio Pigafetta, las menciones de la ciudad, su geografía, su entorno y su relación con el río Guadalquivir y con el océano Atlántico, que en Sanlúcar son -casi- una misma realidad.

Roberto Fernandez

- Filiação institucional – Instituto Nacional Browniano.
- Áreas de trabalho – Profesor en el Instituto de Inteligencia de las Fuerzas Armadas Argentinas, en la Policía Federal, en la Universidad Católica de Salta y en Gendarmería Nacional Argentina.
- Publicações – “La revolución un enfoque sistémico”



“La Expedición Magallanes-Elcano en la Patagonia: Sus actividades en Puerto San Julian – Provincia de Santa Cruz – República Argentina”

La expedición de Magallanes-Elcano que tuvo por objeto principal encontrar un paso interoceánico que permitiera llegar a las zonas de la especiería en una titánica hazaña que finalmente culminó con la primera circunnavegación del globo no escapa a tal cuestión y por el contrario, en su derrotero la aventura se mezcla en variadas proporciones con el avance del conocimiento científico, principalmente de carácter geográfico y naturalista. Esta expedición no solo se abocó a demostrar que el actual Río de La Plata, antes conocido bajo la toponimia de Mar Dulce, según el bautizo recibido por su descubridor Don Juan de Solís, no constituía el paso interoceánico buscado, que era el principal objetivo de la empresa, como ya queda dicho, por lo que continuó su derrota hacia el sur del actual territorio de la República Argentina en procura de encontrar la llave que conectara ambos océanos (el Atlántico y el Pacífico). En su periplo la expedición, por inclemencias climáticas, se vio en la necesidad de permanecer en el actual Puerto de San Julián, ubicado en la costa Atlántica de la Provincia de Santa Cruz, última provincia continental americana de la República Argentina en que se vieron obligados a recalar por aproximadamente cinco meses produciendo durante ellos verdaderos hitos en la conformación cultural de la zona y en la impronta histórica del país, pese a que su peso histórico es todavía minimizado por algunos historiadores argentinos. Pero con el objeto de circunscribirnos al tema y de entender la importancia de los primeros momentos de los descubrimientos y de las acciones encaminadas a incorporar los espacios al acervo de la cultura europea es que entendemos más que pertinente nuestra investigación con el fin de rescatar del olvido nacional de la Argentina y del desconocimiento general del resto del mundo, la permanencia de la expedición en nuestra Patagonia y la impronta que se imprimió a través de sus actos a nuestro espacio nacional y a la historia de la zona.

Osvaldo Angel Canosa

- Filiação institucional – Instituto Nacional Browniano.
- Áreas de trabalho – Miembro del Instituto de Historia Militar Argentina, Ejército Argentino.
- Publicações – “150 años de la Guerra de la Triple Alianza” Albores del Poder Protoaéreo en la Guerra de la Triple Alianza, Ejército Argentino.



“La Expedición Magallanes-Elcano en la Patagonia: Sus actividades en Puerto San Julian – Provincia de Santa Cruz – Republica Argentina”

La expedición de Magallanes-Elcano que tuvo por objeto principal encontrar un paso interoceánico que permitiera llegar a las zonas de la especiería en una titánica hazaña que finalmente culminó con la primera circunnavegación del globo no escapa a tal cuestión y por el contrario, en su derrotero la aventura se mezcla en variadas proporciones con el avance del conocimiento científico, principalmente de carácter geográfico y naturalista. Esta expedición no solo se abocó a demostrar que el actual Río de La Plata, antes conocido bajo la toponimia de Mar Dulce, según el bautizo recibido por su descubridor Don Juan de Solís, no constituía el paso interoceánico buscado, que era el principal objetivo de la empresa, como ya queda dicho, por lo que continuó su derrota hacia el sur del actual territorio de la República Argentina en procura de encontrar la llave que conectara ambos océanos (el Atlántico y el Pacífico). En su periplo la expedición, por inclemencias climáticas, se vió en la necesidad de permanecer en el actual Puerto de San Julián, ubicado en la costa Atlántica de la Provincia de Santa Cruz, última provincia continental americana de la República Argentina en que se vieron obligados a recalar por aproximadamente cinco meses produciendo durante ellos verdaderos hitos en la conformación cultural de la zona y en la impronta histórica del país, pese a que su peso histórico es todavía minimizado por algunos historiadores argentinos. Pero con el objeto de circunscribirnos al tema y de entender la importancia de los primeros momentos de los descubrimientos y de las acciones encaminadas a incorporar los espacios al acervo de la cultura europea es que entendemos más que pertinente nuestra investigación con el fin de rescatar del olvido nacional de la Argentina y del desconocimiento general del resto del mundo, la permanencia de la expedición en nuestra Patagonia y la impronta que se imprimió a través de sus actos a nuestro espacio nacional y a la historia de la zona.

Juan Antonio Varese

- Filiação institucional – Academia Uruguaya de Historia Marítima y Fluvial.
- Áreas de trabalho – Escritor e investigador en temas marítimos, de identidad nacional y de historia de las imágenes.
- Publicações – “De naufragios y leyendas en las costas de Rocha”, “El naufragio de la Vigilante”, “Rocha, tierra de aventuras”, “Viaje al antiguo Montevideo”.
- Miembro de I.C.O.M. Uruguay, fundador de la Academia Uruguaya de Historia Marítima y Fluvial, miembro del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay y de la Academia de Marinha.



“De Fernando de Magallanes a Sebastián Elcano. Circunstancias del cambio de mando”

La expedición a la Especiería al mando de Fernando de Magallanes la podemos dividir en dos grandes etapas:

La primera comprende desde la partida, el cruce del Atlántico, la exploración del Río de Solís, el motín y el invierno en San Julián, el descubrimiento y cruce del estrecho de Todos los Santos, la travesía por el Pacífico y la llegada a las islas Filipinas donde aconteció la muerte del Capitán General en la isla de Mactán.

Tras su fallecimiento culmina con éxito la primera parte del viaje.

La segunda, que se desarrolló en Oriente y desembocó en la primera vuelta al mundo, presenta un capítulo muy especial en el análisis de las circunstancias por las que el mando de la expedición pasó de manos de los portugueses allegados al Capitán General (Duarte Barbosa y Juan Rodríguez Serrano en primer término y Joao Lopes de Carvalho después) hasta los españoles Gonzalo Gómez de Espinosa y Sebastián Elcano. Desarrollaré el tema con un análisis de la personalidad de Magallanes y sus allegados, planteando la duda de por donde hubieran emprendido el regreso en caso de haber llegado a las Molucas.

También me referiré a la personalidad de Sebastián Elcano, de bajo perfil contrastada con su sapiencia marinera y carácter de firme determinación. Y los argumentos por los que decidió emprender el regreso a través de la “ruta portuguesa”.

Y el papel jugado por la tripulación de la Victoria en la ruta de regreso.

José Ramón Vallespín

- Filiação institucional – Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada Española.
- Áreas de trabalho – Geopolítica; Geoestratégia; História Marítima.
- Publicações – La seguridad en el espacio geoestratégico de la Península Arábiga. In VEGA FERNÁNDEZ, Enrique et al. – *Yemen. Situación actual y perspectivas de futuro*. Madrid: Instituto Universitario General Gutiérrez Mellado – UNED, 2010.



“Las derrotas de la expedición Magallanes-Elcano”

La expedición Magallanes-Elcano ha generado, sobre todo en los últimos tiempos, ríos de tinta, y sin embargo todavía hay aspectos de ella que siguen siendo oscuros, confusos, contradictorios o, cuando menos, polémicos. Además, como sucede con casi cualquier tema histórico, se aceptan como buenas explicaciones cuyo único valor es que son las que dieron determinadas personas, protagonistas de los hechos o quienes los relataron, que quizá no merezcan el crédito que se les da, mientras los documentos oficiales no son leídos con la debida contextualización.

Pensamos que ese es el caso de las razones por las que se escogieron las derrotas que, juntas, componen la ruta que siguió la exploración. El primer tramo cuyo estudio nos parece que merece repensarse es el que llevó a la expedición hasta la bahía de San Julián, donde se produjo el famoso motín que, según la mayoría de los autores que lo han estudiado estuvo causado precisamente por la derrota que ordenó el capitán general Magallanes para llegar a ella. También nos parece conveniente volver sobre la decisión de subir hasta más al norte de la línea ecuatorial una vez desembocados en el hoy llamado Océano Pacífico. Por último no parece que se haya estudiado suficientemente bien la razón por la que, cuando salió de Tidore, la Victoria se dirigió al Cabo de Buena Esperanza y en cambio cuando lo hizo la Trinidad se dirigió de vuelta por la que luego fue la ruta del Galeón de Manila/Acapulco.

Todos juntos, estos factores permiten hacer una revisión completa de las causas por las que la expedición siguió la ruta que siguió en sus diversos tramos, que puede servir para comprender de una forma muy novedosa todo el conjunto de la aventura que terminó abrazando, por primera vez, el mundo.

José María Moreno Martín

- Filiação institucional – Museo Naval de Madrid.
- Áreas de trabalho – Investigador perteneciente al Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada.
- Publicações – “La transformación de mar en océano en los primeros mapas del Pacífico (1519-1529)”.



“La transformación de mar en océano en los primeros mapas del Pacífico (1519-1529)”

Primera vuelta al mundo, comenzada por Magallanes y culminada por Elcano, uella imagen se desvaneció definitivamente. La circunnavegación, se convirtió, sin que ninguno de sus protagonistas tuviera esa intención, en la comprobación empírica de que la Tierra era esférica y que podía darse la vuelta enlazando todos sus mares.

Desde entonces, los mapas nos fueron desvelando la transformación del mundo conocido en los diez años que transcurrieron entre la partida de la flota de las Molucas, 1519, y la firma del tratado de Zaragoza, 1529. En esos años, de la mano de Nuño García de Toreno, Juan Vespucio y del portugués Diego Ribero, conoceremos los mapas que nos dejaron las primeras representaciones de un mundo circunnavegado, que se convertirían en documentos de capital importancia en las negociaciones entre castellanos y portugueses por la propiedad de las Molucas y que culminarían con el Tratado de Zaragoza.

Dentro de esa nueva imagen del mundo conocido, al viaje que Magallanes emprendió en 1519 desde Sevilla hacia las islas Molucas, navegando hacia el occidente, en busca de las especias, le debemos las novedosas imágenes que transformaron aquel mar que Núñez de Balboa bautizó años antes con el nombre de mar del Sur, en el que Magallanes definió como «Pacífico» tras atravesar el estrecho de Magallanes. Por primera vez contemplaremos los perfiles de las dos orillas del océano Pacífico en los mapas que mutaron de mar a océano la inmensidad de sus aguas, así como las novedosas representaciones de sus nuevos límites: el estrecho de Magallanes, por el oriente, y las islas Molucas, por el poniente.

Jorge Semedo de Matos

- Filiação institucional – Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – História dos Descobrimentos; História Marítima; História da Náutica.
- Publicações – *Roteiros e rotas portuguesas do Oriente, nos séculos XVI e XVII*. 2018.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“«Mar del Sur» e Oceano Pacífico: duas realidades náuticas depois de Magalhães”

É comum salientar como uma das grande consequências da viagem de Fernão de Magalhães-Elcano, a abertura e conhecimento náutico do estreito que liga o oceano Atlântico ao Pacífico, com todas as consequências económicas e políticas que provocou. Magalhães procurava alcançar o Oriente, navegando para ocidente, numa disputa pelas ilhas das especiarias – Molucas – onde se produzia o cravo. Na verdade, a consequência mais importante da sua viagem até Cebu foi o estabelecimento dos espanhóis nas ilhas Filipinas, onde se dedicaram a muitas outras actividades comerciais, que não apenas o comércio do cravo, cujo mercado na Europa era relativamente pequeno. Sobretudo depois do estabelecimento em Manila e da sua organização enquanto capital, o comércio com a China ganhou uma expressão que ultrapassou todas as perspectivas imaginadas para as especiarias das Molucas. E perceberam os súbditos da Monarquia Católica, que uma das mercadorias com maior procura no Império do Meio era a prata; que os portugueses obtinham no Japão, mas que eles adquiriam com maior facilidade na América. E rapidamente a introduziram na rede de comércio oriental, transportando-a através do oceano Pacífico na carreira do “Galeão de Manila”. Mas, a par desta rota transoceânica, na América Central vai-se desenvolvendo também uma dinâmica que envolve várias linhas de comércio, legais, semi-legais e clandestinas, que conduzem esses metais preciosos das suas fontes de produção para os portos que têm ligação ao Oriente. Especialmente Acapulco, onde converge uma rota que percorre a costa ocidental da América do Sul, que mantém a designação de Mar del Sur, dada por Balboa, em 1513. São dois eixos complementares para um mesmo objectivo, cujos caminhos do mar constituem o tema central da minha comunicação.

Nunziatella Alessandrini

- Filiação institucional – CHAM/UNL-FCSH, Lisboa.
- Áreas de trabalho – História da Expansão Portuguesa; Relações luso-italianas.
- Publicações – *Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518-2018. Una chiesa italiana in terra portoghese*. Lisboa: Fábrica da Igreja Italiana de Nossa Senhora do Loreto, 2018; *Di Buon affetto e commercio. Relações luso-italianas na idade moderna*. Lisboa: Cham, 2012.
- Membro da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“Do Atlântico ao Pacífico: o Roteiro dum piloto genovês”

Entre as fontes que reportam notícias em primeira mão da viagem ao redor do mundo, há um Roteiro, ainda pouco estudado, que foi redigido por um piloto genovês embarcado na armada chefiada por Fernão de Magalhães que em Setembro de 1519 partiu de Sanlúcar de Barrameda. O breve texto, que chegou até nós em língua portuguesa, é testemunha, através da redacção de notícias breves e esquemáticas, da navegação da viagem da expedição magalhânica até à chegada às Molucas, após a morte do capitão Magalhães, dos dois navios Trinidad e Victoria. Em Tidore, onde chegaram a 8 de Novembro de 1521, o destino dos dois navios tomou rumos diferentes: a Victoria, com Antonio Pigafetta a bordo, partiu a 21 de Dezembro de 1521 rumo a Europa; a Trinidad, com a bordo o autor do Roteiro, permaneceu nas ilhas do Pacífico até a primavera de 1522. A importância do Roteiro reside, por um lado, como sendo complemento da Relazione do Pigafetta e, por outro, enquanto testemunha da permanência do navio Trinidad no Pacífico. A análise do Roteiro, que chegou até ao presente apenas na língua portuguesa mas que se sabe ter sido escrito originariamente em italiano, levanta muitas questões que ultrapassam o mero conhecimento de notícias sobre a expedição. Outras personagens serão chamadas em campo, outras fontes coevas serão utilizadas no intuito de reconstruir as fases da viagem através dos que foram obrigados pelas conjunturas a seguir caminhos alternativos. Tentar-se-á também, à luz das novas investigações, dar um nome ao autor do texto e realçar o seu papel dentro da tripulação da armada.

José María Moreno Madrid

- Filiação institucional – Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia (CIUHCT)/ Universidade de Lisboa.
- Áreas de trabalho – Doutorando em História e Filosofia da Ciência na Universidade de Lisboa, bem como integrante do Projecto «RUTTER: Making the Earth Global», financiado pelo European Research Council.
- Publicações – livro «Atravessando a Porta do Pacífico. Roteiros e Relatos da Travessia do Estreito de Magalhães, 1520-1620», escrito em coautoria com Henrique Leitão.



“Nuno da Silva, o piloto esquecido”

Em Agosto de 1578 uma frota inglesa atravessava, pela primeira vez na história, o Estreito de Magalhães. Chefiada pelo corsário Francis Drake, a esquadra trespassou o traiçoeiro canal fueguino em apenas duas semanas, impaciente por alcançar as riquezas que esperavam no Pacífico espanhol. Mas o sucesso na passagem do Estreito teve muito a ver com uma personagem tão fundamental como esquecida pela historiografia: o piloto português Nuno da Silva, sequestrado por Drake em Cabo Verde.

O objetivo de esta comunicação é resgatar Da Silva do esquecimento, fornecendo alguns dados biográficos que permitam conhecer melhor a sua figura, e apresentando os múltiplos registos documentais que deixou para a posteridade - muitos deles de grande interesse náutico. Este é só o primeiro passo de uma árdua tarefa de investigação, necessária para chamar a atenção sobre o papel de relevo do piloto tanto na história da exploração do Estreito, como nas transferências de conhecimento náutico entre Portugal e Inglaterra no século XVI.

Amândio Barros

- Filiação institucional – Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.
- Áreas de trabalho – História Marítima
- Publicações – *Porto: a construção de um espaço marítimo nos alvares da Época Moderna*, 2016; *Os descobrimentos e as origens da convergência global*.
- Membro Efetivo da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“A rivalidade luso-castelhana em perspectiva. Histórias cruzadas de exploração dos mares no século XVI”

Desde a preparação da viagem de Fernão de Magalhães, que acabou por ser a de Magalhães-Elcano, o tom foi precisamente este: o da rivalidade. O da rivalidade entre os dois reinos ibéricos, notória na corrida aos arquipélagos das especiarias do Pacífico, nos episódios que ocorreram desde os preparativos da armada à concretização da viagem e a tudo aquilo que se lhe seguiu. Rivalidade que se estendeu às análises historiográficas e que marca ainda hoje o tom de muita literatura científica sobre o assunto. O que aqui se apresenta, procura fugir a esse registo, sem o ignorar. Com base em documentação inédita ou muito pouco estudada, pretende-se mostrar que a rivalidade e a competição foram um facto, mas que devem ser revistas: que a navegação e os projectos ibéricos nos oceanos só foram possíveis graças à conjugação de factores variados que passaram pela circulação de técnicos entre os dois reinos, por conhecimentos acumulados e partilhados e pela adopção de modelos utilizados por cada um dos competidores. Analisarei figuras envolvidas, expedições preparadas e seus resultados e projectos que foram, ou não, concretizados. Entre eles, o plano de criação de uma Casa da Especiaria, na Corunha, destinada a gerir aquela que nunca viria a ser a grande rota transoceânica castelhana: a Rota do Estreito. Porém, tudo aquilo que esteve em redor deste, tem relação directa com o que foi exposto: participação de técnicos portugueses, agentes e financiadores que trabalhavam em Portugal e em Castela e, acima de tudo, o facto de as autoridades do reino vizinho terem assumido que o funcionamento da nova carreira marítima decalcaria o funcionamento da Rota do Cabo portuguesa.

Vítor Gaspar Rodrigues

- Filiação institucional – Investigador Auxiliar com Agregação do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Áreas de trabalho – História Militar do Império Português (séc.s XV-XVII); Organização Social e Política do Império Oriental Português (séc.s XVI e XVII).
- Publicações – Vários livros e artigos publicados sobre as suas áreas de estudo.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima



“Portugueses, Espanhóis e Moluquenses: guerra e práticas militares nas ilhas Molucas (1511-1540)”

A comunicação que nos propomos apresentar no II Simpósio de História do Oriente. Magalhães e Elcano e a exploração das “Pacíficas às Índicas águas” procurará analisar o papel decisivo desempenhado por portugueses e espanhóis na transformação do quadro geopolítico e militar das ilhas Molucas.

O nosso estudo iniciar-se-á com as primeiras viagens portuguesas à região e o estabelecimento da fortaleza portuguesa de Ternate, em 1522, edificada em resposta às pretensões espanholas materializadas pela viagem de Fernão de Magalhães, e prolongar-se-á até aos finais da década de 1540, altura em que os últimos homens da expedição de Rui Lopes de Villalobos foram repatriados para Espanha através da rota do Cabo.

Ao longo dessas três décadas analisaremos não só as principais conjunturas políticas e militares, marcadas pela volubilidade das alianças no terreno, mas procederemos também, e sobretudo, à análise das interações ocorridas entre as duas potências europeias e os reinos locais no domínio das técnicas e táticas de combate (tanto navais como terrestres), do armamento e da fortificação.

Juan Manuel Santana Pérez

- Filiação institucional – Catedrático de História Moderna de la Univeridad de Las Palmas de Gran Canaria.
- Áreas de trabalho – Diretor do Departamento de Ciencias Históricas de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Publicações – 13 Libros científicos publicados. 120 artículos e capítulos de Libros.
- Membro do Comitê de Redação e do Comitê Científico de várias revistas internacionais.



“Ilhas do Pacífico na viagem de Magalhães e Elcano”

Tocaron multitud de islas y avistaron otras tantas, no sabemos con exactitud cuántas. Un dato importante a tener en cuenta es que en las Capitulaciones estipulaban que, si las islas descubiertas eran más de 6, Magallanes tenía derecho a quedarse 2 y a actuar como gobernador de ellas y disfrutar de sus rentas. Además, hubo muchas deserciones de los expedicionarios que prefirieron quedar en esas islas.

Sabemos que tocaron las siguientes islas del Pacífico mientras buscaban las especias: Puka-Puka, la llamaron San Pablo, la primera isla descubierta; Flint, la llamaron isla de los Tiburones, algunos la sitúan en Vostok o en Caroline; Guam, la llamaron isla de los Ladrones, en las Marianas; Isla de Rota en las Marianas, fue avistada; Yunagan, Pigafetta la llamó Mazaua, en el Filipinas, que bautizaron como archipiéago de San Lázaro Sámar, avistada fondearon en Suluan; Homonhon se quedaron una semana; Limasawa, tuvieron contacto cultural; Cebú, con estructura social organizada, mandaba el rey Humabón; Mactán, muere Magallane; Panglao, quemaron la nao Concepción; Palawan, la llamaron Pulan, recogieron arroz y ganado, recibidos amigablemente, al oeste de Filipinas; Algunos decían que habían pasado por Butuan; Borneo, visitaron la “ciudad” de Brunei, destaca los palacios de Siripanda, las murallas y artillería. Ahí desertaron 3 hombres; Ternate, avistaron la que llamaron Tarente; Tidore, llaman Tadore en las Molucas, partieron el 21-12-1521.

José Manuel Malhão Pereira

- Filiação institucional – Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, da FCUL; Academia de Marinha.
- Áreas de trabalho – História da Náutica; História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa.
- Publicações – *Roteiros Portugueses, Séculos XV a XVIII. Sua Génese e Influência no Estudo da Hidrografia, da Meteorologia e do Magnetismo Terrestre*. Lisboa: Faculdade de Ciências, 2017; *Estudos de História da Náutica e das Navegações de Alto-Mar*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 2013, 2 vols.
- Membro Emérito da Academia de Marinha, da Classe de Artes, Letras e Ciências.



“As longitudes determinadas por André de San Martin durante a viagem e as suas consequências”

A viagem de Fernão de Magalhães, teve como uma das suas principais missões, a determinação das longitudes geográficas, nas suas diversas escalas, e com mais rigor e acuidade, na área das Molucas, para assim provar que pertenciam a Castela, atendendo à indefinição então existente sobre a posição do antemeridiano de Tordesilhas.

A fim de cumprir este seu importante objetivo, Magalhães, depois de ter pedido a colaboração dos irmãos Faleiro, que não foi bem-sucedida, conseguiu a participação de Andrés de San Martin, um reputado astrólogo com longa experiência de observações astronómicas.

Este piloto procedeu durante a viagem a uma relativamente rigorosa determinação de longitudes recorrendo a métodos astronómicos, quer na costa da América do Sul quer nas Filipinas. Aqui faremos uma reconstituição tanto quanto possível fidedigna dos seus métodos e dos possíveis instrumentos usados, tendo presente que as fontes são muito escassas em informação nesta área.

José Blanco Nuñez

- Filiação institucional – Instituto de Historia y Cultura Naval de la Armada Española.
- Áreas de trabalho – Circunavegação Magalhães-Elcano.
- Publicações – MARTÍNEZ RUIZ, Enrique et al. - *Desvelando Horizontes. La circunnavegación de Magallanes y Elcano*. Madrid: Fundación Museo Naval, 2017-2019, 3 vols.; *A Reconquista da Baía - 1625: portugueses e espanhóis na defesa do Brasil*. Lisboa: Tribuna da História, 2006.
- Membro Associado da Academia de Marinha, da Classe de História Marítima.



“Decisiones controvertidas de D. Fernando Magallanes”

En mi comunicación, pretendo estudiar las decisiones tomadas por el Capitán General de la Armada a la Especiería, D. Fernando Magallanes, que dieron lugar, en su momento, a incomprendiones, disgustos e incluso sublevaciones, entre sus subordinados. Empezaré por el armamento en Sevilla, cuando decidió pintar sus armas a bordo de la capitana, seguiré con el prolongado fondeo en Sanlúcar de Barrameda, debido a la amenaza

portuguesa, la decisión de costear África hasta la latitud de Mina, sin comunicárselo a sus capitanes, que le costó la primera sublevación, la de invernar en San Julián en vez de hacerlo más al norte, mejor clima, o seguir por el Cabo de Buena Esperanza, lo cual que no tenía expresamente prohibido por el rey de España.

También la de llegar, si preciso fuera, hasta los 75° de latitud Sur, la de no cambiar de rumbo al cruzar el Ecuador, en el cual sabía se encontraban las islas de la Especiería, y seguir hacia el NW hasta que encontró la isla de los Ladrones (Guam) y la de ir a Mactán a someter a Lapulapu, la cual le costó la vida por cometer el único error estratégico de su mando. Também para alcançar, se necessário, até 75° latitude sul, a de não mudar o curso ao cruzar o Equador, no qual ele sabia que eram as ilhas da Especiaria, e continuar para o NW até que ele encontrou a ilha dos ladrões (Guam) e, finalmente, a de ir para Mactan para subjugar Lapulapu, o que lhe custou a vida por cometer o único erro estratégico de seu comand.

Juan Marchena

- Filiação institucional – Universidad Pablo de Olavide Sevilla, Espanha.
- Áreas de trabalho – História das Américas.
- Publicações – *Vientos de Guerra. Apogeo y Crisis de la Real Armada. 1750-1823.* (ed.). Madrid: Ediciones 12 Calles, 2018, 3 Vols.
- Membro Associado da Academia de Marinha; Coordenador da Red Mundial de Universidades Magallánicas para la Investigación, la Ciencia y la Cultura, RUMA.



“O possível projeto de retorno de Magalhães: os documentos da nao Trinidad e a rota do Istmo de Panamá”

Las últimas investigaciones nos llevan a conocer con mayor profundidad el proyecto completo de la llamada “Expedición de las Especierías”, proyectada, capitaneada y realizada por Fernando de Magallanes, y lamentablemente no completada por la muerte en Filipinas del navegante portugués. El proyecto, tal como se negoció con la Corona española, y en lo que ésta mucho insistió, no contemplaba el regreso a la Península Ibérica por aguas portuguesas, es decir, por la ruta de África, sino que lo prohibía expresamente, así como se establecía que el tornaviaje desde la Molucas no debía realizarse por la misma ruta del estrecho del sur, sino por la conocida como ruta del Darién. Prueba de ello son los documentos que Magallanes llevaba en la cámara de su navío, la nao Trinidad, y que en ella continuaron tras su muerte, ahora convertida en la cámara de su segundo en el mando, Gómez de Espinosa, y sus pilotos, San Martín, los Mafra, Pancaldo, Punzorol... Documentos que fueron traídos a Lisboa tras la captura de la Trinidad realizada por Antonio de Brito, por mandato del rey de Portugal, a los que se suman los propios informes de Brito.

Así que tornando al propósito de la dicha Especiería, digo que cuando a Nuestro Señor plugue [guste] que en ventura de Vuestra Majestad se halle por aquella parte, y se navegue hasta conducir a la dicha costa y puerto de Panamá, de allí se traiga, según es dicho, por tierra y en carros hasta el rio de Chagre, y desde allí por él se ponga en esta otra Mar del Norte como es dicho, y de allí en España. Fuese como fuese, Magallanes y el proyecto y derrotero de las Especierías ya apuntaba la que sería la gran ruta de la navegación global del S. XVI a nuestros días, la del istmo y futuro canal de Panamá.



(quod vulgo Mar del Ind)
an rebus...
p... s... s...

MARE
SIVE M.

S... H...

VOD TVLGO

Perit.

P... M... S...
M... S...
P... S...
M... S...

